

ELEMENTOS DE LITERATURA E JORNALISMO EM “CARLINHOS, O INCONVENIENTE”, DE JOÃO ANTÔNIO

ELEMENTS OF LITERATURE AND JOURNALISM IN “CARLINHOS, O INCONVENIENTE”, BY JOÃO ANTÔNIO

Clara Ávila Ornellas

Resumo

O caso do sequestro do menino Carlos Ramirez, ocorrido em 1973 no Rio de Janeiro e até hoje não concluído, é o tema do texto “Carlinhos, o inconveniente”, de João Antônio. Publicada na coletânea *Malhação do judas carioca* (1975), dois anos após a ocorrência do crime, a narrativa apresenta, por meio do uso de técnicas literárias e jornalísticas, outros ângulos do fato. Verifica-se a explícita crítica do autor à maneira como o crime é tratado pela imprensa e pela polícia, bem como ao interesse da sociedade por notícias especulativas sobre a ocorrência de um delito. O escritor vale-se, por exemplo, de máximas populares, da linguagem informal e da personificação, unidas a técnicas de elaboração jornalística, para trazer à reflexão o imaginário que permeia a sociedade carioca e, por consequência, a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Literatura e Jornalismo; Crítica Literária; João Antônio.

Abstract

The case of the kidnapping of the boy Carlos Ramirez, happened in 1973 in Rio de Janeiro and until today not finished, is the subject of the text “Carlinhos, o inconveniente”, by João Antônio. Published in the collection *Malhação do judas carioca* (1975), two years after the occurrence of the crime, the narrative presents, through the use of literary and journalistic techniques, other angles of the fact. The author's explicit criticism of the way in which the crime is handled by the press and the police, as well as the interest of the society for speculative news about the occurrence of a crime is verified. The writer uses, for example, popular maxims, informal language and personification, coupled with techniques of journalistic elaboration, to bring to reflection the imaginary that permeates the society of Rio and, consequently, Brazilian society.

Key-words: Brazilian Literature; Literature and Journalism; Literary criticism; João Antônio.

João Antônio (1937-1996) atuou concomitantemente no jornalismo e na literatura. Após o lançamento de sua coletânea de contos de estreia, *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963), houve lacuna de 12 anos até o lançamento de seu segundo conjunto de narrativas, *Malhação do judas carioca* (1975), no qual se evidencia inter-relações entre jornalismo e literatura, a começar pela capa que apresenta uma fotografia de teor jornalístico. Para efeito deste artigo, seleciona-se o texto “Carlinhos, o inconveniente”, pertencente à segunda coletânea, no qual se parte do sequestro do menino Carlos Ramirez, ocorrido em 2 de agosto de 1973 no Rio de Janeiro, para a tessitura de uma reportagem com presença de técnicas literárias, de claro viés de crítica social. Semelhante abordagem também se apresenta em outros textos da antologia.

Para Renata Moraes (2005), João Antônio demonstraria em *Malhação do Judas carioca* outra maneira de fazer literatura, posto que a interação com o jornalismo possibilitaria maior proximidade com a realidade; como o próprio escritor afirmava em entrevistas e no texto-manifesto “Corpo-a-corpo com a vida e a literatura” – publicado como posfácio em *Malhação...* De acordo com Moraes,

Outra obra lançada em 1975 foi *Malhação do Judas Carioca*. Para o autor, esta foi a primeira experiência que abordou o seu fazer literário como um registro que se baseasse num ‘corpo-a-corpo com a vida’. Nesta terceira obra encontramos um misto de literatura e de jornalismo que, para João Antônio, apresentou-se como uma ‘tentativa de fazer com que se retratasse a realidade brasileira e não apenas uma realidade de estética’ (‘A difícil vida do escritor’, 1975). Denominada como uma obra literário-jornalística, João Antônio causou surpresa aos críticos de plantão. Apresentou ao público leitor uma outra forma de se fazer literatura. Essa produção foi fruto da sua atuação como jornalista de grandes ou ‘nanicos’ veículos de comunicação, o que lhe possibilitou a sobrevivência desde 1964. (MORAES, 2005, p. 39-40).

“Carlinhos, o inconveniente” diferencia-se de outros textos de João Antônio que foram publicados tanto em livro quanto na imprensa. Alguns eram publicados primeiramente em jornal e depois migravam para livro – a exemplo do conto-reportagem *Cais*, que também integra *Malhação...*, veiculado na revista *Realidade* em 1968. Entretanto, segundo Vinícius Vermiglio (2015), “‘Carlinhos...’ foi publicado no O Pasquim no mesmo ano de sua publicação em *Malhação*. Apareceu antes no livro, lançado em 13 de fevereiro de 1975 pela editora Civilização Brasileira, e alguns meses depois na edição nº 322 do semanário carioca”. (VERMIGLIO, 2015, p. 60). O texto publicado em dezembro de 1975, intitulado “Carlinhos, Marquinhos e a indústria do pânico”, apresenta poucas frases de acréscimo na introdução para, na sequência, conservar na íntegra a reprodução da primeira publicação, ou seja, “Carlinhos, o inconveniente”. Se o movimento mais comum na produção de João Antônio era do jornal para o livro, neste caso ocorre o contrário, do livro para o jornal. Aqui, focaliza-se o texto publicado na antologia.

DE LITERATURA E JORNALISMO

Inter-relações entre literatura e jornalismo com clara demonstração de limites e abrangências é algo complicado, contudo, sabe-se que essas duas práticas de escrita, quando postas em concomitância, costumam apresentar fronteiras tênues. Afinal, trata-se de um imbricamento a colocar em evidência a miscigenação desses dois tipos de produção, seja de forma direta ou indireta, explícita ou implicitamente. Todavia, prevalecem as ocorrências em que essa junção manifesta-se abertamente.

No contexto brasileiro, a tragicidade ocasionada pela cassação dos direitos civis, bem como o acirramento da censura aos meios de comunicação, foi um dos fatores que levou profissionais da imprensa a elaborarem produções inter-relacionando jornalismo com literatura, como possibilidade de manifestação e informação sobre a realidade negada ou escondida pela ditadura militar. Para Joaquín Roy, em *Ala: periodismo y literatura* (1986, p. 41), a censura impetrada por poderes ditatoriais levou jornalistas latino-americanos à necessidade de imiscuir informação e literatura como forma de criticar o poder vigente. Entretanto, esse movimento muitas vezes proporcionou o acesso à informação a poucos leitores, posto haver necessidade de conhecimento de recursos literários para a apreensão profunda da mensagem. Ainda segundo o crítico espanhol, a relação literatura e jornalismo tem a prerrogativa de propiciar o conhecimento de outras nuances dos acontecimentos para além das pretensas objetividade e imparcialidade do jornalismo objetivo.

Essa interação, pelo lado da literatura, particulariza a humanização de indivíduos envolvidos em um fato para além da simples informação, esta que na maioria das vezes atém-se à superficialidade da notícia. Nesta ótica, não caberia averiguar as particularidades de diferentes pontos de vista sobre uma ocorrência e tampouco dar voz a atores secundários – ou mesmo limita-se a divulgar acontecimentos sem conceder aos principais envolvidos a oportunidade de se expressarem subjetivamente em relação ao que ocorreu. Tratar-se-ia da tendência a, por exemplo no caso de um crime, rapidamente determinar quem são os vilões e os bandidos e segmentá-los nessa dualidade unívoca.

Chama-se ao espaço do jornal a literatura como meio de conceder ao leitor conhecimento de diversos ângulos tanto do fato quanto dos envolvidos. Por um lado, isso pode significar trazer à cena da escrita um menor abandonado que vive de expedientes ilegais para garantir a sobrevivência – a exemplo da personagem de “Mariazinha Tiro a Esmo”, narrativa também pertencente à *Malhação...*, ou seja, um tipo urbano ignorado ou incômodo na sociedade que a ele destina a invisibilidade não apenas social como humana. Ao tematizar semelhante realidade, João Antônio, com evidente utilização de técnicas literárias, resgata a humanidade da personagem além de realizar denúncia social, portanto tem-se aqui a literatura partindo do jornalismo. Por sua vez, o jornalismo se robustece na missão de informar por meio de recursos estéticos que revelam a pluralidade de sentidos que determinado tema pode assumir ao se focalizar outros ângulos dos acontecimentos.

Por outro lado, o jornalismo em correlação com a literatura geralmente abrange um tipo de contextualização dos fatos que costuma ser evitada pela imprensa informativa. Se na primeira acepção a humanização compõe melhor perspectiva para a captação dos fatos, a segunda tendência a complementa porque a ela soma características do ambiente e do espaço que reforçam a perspectiva de abordar o acontecimento da maneira mais completa possível. Pode-se citar como exemplo, ainda tendo em vista a coletânea *Malhação...*, o texto “Cais” no qual a correlação entre

cenário e personagem evidencia mútua humanização em complementariedade. Basta lembrar como algumas das personagens são prostitutas que mal conseguem sobreviver na profissão e enfrentam situações adversas a exemplo de maus tratos, fome, humilhação etc. Assim, tão precárias são as suas vidas quanto o entorno decadente da zona de meretrício minuciosamente descrita pelo escritor – tornando-se espelho único a refletir a exclusão humana e urbana de seres à margem da sociedade.

Interessa-se aqui verificar como essa dupla manifestação de escritas ocorre em “Carlinhos, o inconveniente”, a partir do levantamento de alguns aspectos que demonstram a amplitude de sentidos possível de ser alcançada na interação entre jornalismo e literatura.

INCONVENIÊNCIAS

O caso do sequestro não esclarecido do menino Carlos Ramirez, ocorrido em 2 de agosto de 1973 no Rio de Janeiro, entrou para os anais da polícia como investigação inconclusa. Interrogaram-se suspeitos, mas não foram encontrados culpados e o menino jamais foi localizado. João Antônio, dois anos após o fato, elabora a narrativa em questão tematizando diferentes ângulos da situação para ir muito além da notícia informativa. Conforme afirma Vinícius Vermiglio,

Tratando de forma bastante peculiar o fato [sequestro de Carlinhos], o autor conseguiu transformar um texto que provavelmente não passaria de uma pequena notícia nos jornais, em uma amálgama do comportamento das partes envolvidas num sequestro - mídia, polícia, sequestrador e sequestrado. (VERMIGLIO, 2015, p. 9).

Cabe agora focalizar alguns aspectos dessa abordagem social salientando, na medida do possível, alguns que cabem mais à perspectiva do jornalismo ou da literatura e o que a soma desses dois tipos de escrita possibilitam em termos de conhecimento para o leitor, permitindo-o transpor os limites e as condicionantes da objetividade. Da mesma maneira, é importante salientar se o jornalismo também serve como motivador para somar aspectos à perspectiva literária.

A narrativa abre com os elementos básicos de uma matéria informativa de jornal diário informando o acontecimento: quando, onde, quem, como e por quê. Todavia extrapola-se a restrição a esses dados essenciais ao destacar aspectos do contexto que não seriam de preocupação da esfera jornalística:

Numa quinta-feira, dois de agosto, à noite, arrancaram um menino de dentro de casa. A moradia era na Rua Alice, 1606, maltratada, encardida, pintura externa descascada, contrastando por fora e por dentro com as vizinhas, vistosas e cuidadas, de gente melhor aquinhoada. O sequestrador parecia ter vindo para carregar a filha caçula da casa, Luciana, de três anos. Não a achou e levou um

irmão de dez, Carlinhos, louro e bonito, conforme *pôster* na parede. O garoto usava só um *short* e estava adoentado, com diarreia. Noite, vinte horas e quarenta minutos, e fazia frio em Santa Teresa. (ANTÔNIO, 1975, p. 33).

As informações objetivas desse parágrafo poderiam ser resumidas em duas linhas, porém, a elas são acrescentados aspectos que permitem alcançar melhor apreensão de detalhes do fato. A preferência pelo verbo “arrancaram” ao invés de sequestraram, mais imediato, revela já na primeira linha uma abordagem voltada para o lado humano da questão, posto que arrancar tem entre os seus sentidos as ações de tirar com força, desenraizar, separar, significados estes relacionados à dor da família vitimizada pela ocorrência. O detalhamento a respeito das características físicas da casa, lembrando a antropomorfização, bem como a distinção dela com as suas vizinhas melhor conservadas, faz alusão à condição econômica precária da família, meio fora do lugar em termos de espaço físico e social.

A referência ao aspecto físico de Carlinhos, “louro e bonito”, se poderia passar despercebida num primeiro momento apenas como elemento complementar, na verdade ascende como ponto importante para entendimento de uma das linhas críticas do narrador. Será que haveria relevância no fato de o garoto ser branco, não bastaria dizer que era uma criança em situação de perigo e do sofrimento de sua família? O que o autor enfatiza é o fato de a somatória branco, louro e classe média mobilizar a imprensa tradicional e a polícia, ou seja, racismo velado. Se fosse negro e pobre, o sequestro, provavelmente, daria no máximo pequena nota sem repercussão.

Por fim, ainda nos dois últimos períodos do parágrafo, há alusões a aspectos que também soariam desnecessários à perspectiva única de direta transmissão da informação: a diarreia da personagem e do clima que fazia. Também somente na última linha de um parágrafo de 12, fica-se sabendo que o crime transcorreu em Santa Teresa – morro carioca atípico por ser de classe média.

A partir disso, o texto subdivide-se em três subtítulos nos quais se verificam direcionamentos distintos, mas correlacionados: máximas populares, a ação da polícia e a postura da imprensa em relação ao acontecimento. O primeiro subtítulo, “Garoto de dez anos vê e fala”, abre com a seguinte observação: “O carioca costuma dizer que macaco não mete a mão em cumbuca e diz que, o afobadinho come cru”. (Idem, p. 33). Trata-se de mote para abordar os desencontros entre as ações da polícia e o papel da imprensa como fomentadora inesgotável de elementos fortuitos sobre um acontecimento em evidência. Provavelmente o fato de o criminoso não comparecer ao local combinado para o pagamento do resgate, perto do local do crime, refere-se à máxima de que “macaco não mete a mão em cumbuca”, haja vista que um verdadeiro espetáculo foi planejado para acompanhar o desenlace do caso. Por outro lado, ao não respeitar o bom senso de tratar o caso com o devido sigilo e respeito aufere sentido à perspectiva de que “afobadinho come

cru”, já que a exposição massiva do caso pela imprensa demonstra uma impensada presa para a resolução do caso à revelia do tato e ética necessários em situações como essa:

Mas a polícia e imprensa pareciam estar acima do nível popular. O nome de Carlinhos gritou nas primeiras páginas. E, então, imediatamente cheios de habilidades e esperteza, com suas máquinas, sacolas, pressas, ciências, carros, buzinas e aparatos, a polícia e os atentos rapazes da imprensa conseguiram transformar em coisa pública e das mais comentadas da cidade, o local marcado para o resgate, esquina de Rua Alice com Giliostro.
(Até mesmo do ponto de vista do sequestrador, isso seria inteligente ou *ético*?)
(Ibidem, p. 33-34, grifo do autor).

Verifica-se manifestação oposta ao senso comum a expor a ingenuidade da polícia e da imprensa ao consideraram que o sequestrador iria aparecer depois da exposição enfática do caso nos jornais. Depreende-se nessa descrição, além da apresentação dos fatos, elementos de técnica literária presentes na enumeração que concede movimento à cena e robustece a intenção de demonstrar a voracidade dos jornalistas em busca de alcançar qualquer possibilidade de conseguir, conforme se diz no meio jornalístico, uma “exclusiva” do caso. Portanto, subentende-se que se almeja não necessariamente a resolução do crime com o retorno do menino e o reestabelecimento da tranquilidade de sua família. Espera-se, conforme permitem inferir as colocações do narrador, simplesmente o aumento na venda dos jornais, ou seja, o lado mercadológico e não humano é posto em evidência.

A indagação do narrador abrangendo o ponto de vista do sequestrador a respeito de marcar para pagamento do resgate um local na mesma rua onde o crime foi cometido revela a obviedade de que dificilmente um criminoso se arriscaria a esse ponto. Do mesmo modo, a questão ética colocada pelo narrador atesta conhecimento do universo marginal, pois seria improvável que o sequestrador retornasse ao local onde houve a contravenção tanto para não se expor quanto para não ludibriar a família envolvida.

Na sequência do texto, expõe-se a espetacularização da notícia com a presença de elementos que revelariam um crime sendo tratado como mote para um cenário bem mais próximo de festa ao invés da dramaticidade presente no fato:

Assim, no horário marcado (duas da madrugada de 4/8/1973) havia uma festiva consagração no local convencionado. Compareceram com o estardalhaço do costume, polícia e imprensa – uma hábil; outra, atenta – com todo o aparato. Vendia-se pipoca, amendoim e sorvete nas proximidades como se se tratasse de algum novo festejo popular carioca. Vieram todos, solertes e sabidos. Só o sequestrador não veio. (ANTÔNIO, 1975, p. 34).

Evidencia-se uma movimentação urbana que, por meio da figurativização de personagens principais e secundárias, coloca em cena indivíduos em busca de tirar algum proveito de um fato trágico, mas visto oportunamente como possibilidade passível de ganho individual à custa do sofrimento alheio. Isso ocorre em grande parte devido ao papel da imprensa como fomentadora do sensacionalismo, mas também não escapa ao narrador o interesse gratuito da população em acompanhar semelhante situação de maneira grotesca e desumana. Assim, se a menção à sabedoria popular do povo carioca é mencionada na abertura desse segmento do texto, sua postura conivente revela que uma coisa é o dizer e outra coisa é o fazer. Se a imprensa fomenta o espetáculo, esse só se sedimenta em razão de um público ávido por esse tipo de manipulação e exploração do fato.

Como o sequestrador não apareceu, a cena não foi concluída, ao que rapidamente, segundo o narrador, a imprensa busca justificativas para o malogro da iniciativa ao colocar em destaque que o criminoso seria um amador por não alertar à família para não revelar o caso à polícia, não escolher um local viável para o pagamento do resgate e, ainda, a questão de pedir uma quantia irrisória pela libertação da criança. Semelhantes aspectos levam à constatação de que se trataria de um “pé inchado”, pessoa inábil no trato com o que se propõe a fazer. Disso subentende-se também que a inconveniência do amadorismo do sequestrador também é exposta em razão de ele ter “estragado” o espetáculo, do contrário esses aspectos seriam considerados – pelo menos assim deveria ser – antes de armar o espetáculo. Afinal, no contexto moderno, perder tempo é uma das coisas mais temerosas quando se tem em mente tirar vantagem de determinada situação, seja financeira ou de vantagem individual.

Diante disso, reflete o narrador, parece que ninguém atentou – a família, a polícia e a imprensa – para o detalhe de que o sequestrador, de início, queria capturar uma menina de três anos, porém, como ela não estava em casa, o menino foi levado. Desta forma, constata-se que a vítima em potencial era uma criança pequena que não saberia narrar os fatos enquanto um menino de dez anos, “um dos mais vivos e impossíveis de Santa Teresa”, estava apto a reportar tudo o que viu, ouviu e viveu. Portanto, “Carlinhos passou a ser um perigo na mão de seu raptor”. (Idem, p. 34). Encerra-se, assim, o primeiro segmento do texto.

Em “Os trotes, os erros, as piadas”, o narrador expõe os desvãos do caso sob a ótica das partes envolvidas – família, polícia e imprensa. De início, da mesma maneira como ocorre na primeira parte do texto, recorre-se à máxima popular para abrir o novo tópico do texto: “O povo-povo dos morros cariocas diz que o falador se dá mal no mundo”. Esse ditado é explorado nas três instâncias focalizadas para expressar os diferentes modos nos quais o menino, ou o assunto sobre ele, passou a ser inconveniente, a começar pela família:

[...] Já na altura do terceiro dia, Carlos Ramirez é um incômodo para todos. Família polícia e imprensa estão mal colocadas. A família falara mais do que a conta, chegando à ingenuidade de pedir à imprensa que divulgasse o número de seu telefone no Leblon. E, por falar muito, teve sua vida vasculhadas nas intimidades. Escreveram-se coisas lamentáveis e pesadas, envolvendo adultério; foram lançadas pressuposições baixas, falando em amantes, contrabando e aventuras. (Ibidem, p. 35).

Por consequência da divulgação do telefone do tio de Carlinhos que morava no Leblon, a família sofreu todo tipo de trote telefônico com pistas falsas e mesmo ameaças dizendo que o menino havia morrido. Observa-se a linguagem do narrador utilizando do recurso da oralidade em “mais do que a conta” e também a enumeração para criar tensão reveladora da situação opressora e injusta vivida pela família, características essas mais próximas da produção literária do que jornalística, visto que na imprensa não há espaço para esse tipo de impressão subjetiva. Ao mesmo tempo, verifica-se nessa construção outros aspectos da perversidade dos meios de comunicação que exploram casuísmos e não se detêm diante da possibilidade de denegrir pessoas para alcançar sucesso e maior repercussão.

Na sequência, focaliza-se a polícia e a inconveniência que o caso Carlinhos passou a representar para ela, tendo em vista a falta de provas e ações impensadas e precipitadas como o delegado Peçanha afirmar que sabe quem é o sequestrador para, em seguida, desmentir essa informação:

‘Já sabemos quem é e onde está o sequestrador. O sequestro é quente e foi feito por gente de fora. E nos dias 7 e 8, o mesmo delegado, deixava que o pessimismo tomasse conta de tudo, só porque teria ‘interceptado uma mensagem do sequestrador para dona Conceição, mãe de Carlinhos, que não conduzia a nada’. (ANTÔNIO, 1975, p. 35).

Novamente, observa-se o uso de expressão popular, “o sequestro é quente” em meio a informações objetivas sobre as afirmações do delegado. Em seguida, o narrador expõe sobre a captura e interrogatório de suspeitos, citando nomes completos e chamando a atenção para o suspeito Celso dos Passos que, mesmo com antecedentes criminais e parecendo-se com o retrato falado do sequestrador, é interrogado e liberado para, na sequência, voltar a ser procurado pela mesma delegacia que o soltou. Aqui, pode-se lembrar das peripécias e falta de ética de personagens de *Os Bruzundangas* (1922), de Lima Barreto, autor por quem João Antônio tinha predileção, inclusive no texto “Pingentes”, também pertencente à *Malhação...*, há explícitas referências ao escritor carioca, bem como o resgate de algumas de suas críticas sociais e políticas sobre aspectos da realidade carioca.

Se *Os Bruzundangas* apresentam personagens que realizam ações patéticas em busca de representatividade social e econômica, fazendo uso de meios antiéticos e morais em prol da vantagem individual, não é diferente ao que se observa nas atitudes do delegado Peçanha em busca de reconhecimento social e profissional. E assim como ocorre com personagens de Barreto que representam a legitimidade do Estado, Peçanha torna-se alvo de chacotas:

A partir daí, repetidamente, a polícia se coloca em posições ridículas, grotescas (ela que tachara o sequestrador de *pé inchado*). Policiais saíram às ruas fantasiados de doentes mentais e travestidos para encontros imaginários. O delegado Osmar Peçanha virou novo termo pejorativo da linguagem policial. *Peçanhada* passou a significar pixotada sem qualquer justificativa. (Idem, p. 36, grifos do autor).

Para evitar a continuidade dessa exposição ridícula, um novo delegado, Darci Araújo, substituiu Peçanha nas investigações, embora isso não signifique efetivo progresso no caso. Ainda que Araújo tenha usado de outros métodos, como “‘bate papos’ informais *in loco* com os cinco irmãos de Carlinhos”, não houve avanço. Logo, a força policial continuou a ser alvo de piadas: “Voaram também as moscas da fofoca e até a sexualidade de certos policiais, desfilando travestidos na cidade, foi colocada em questão. Um delegado pintava os cabelos de caju e um detetive usava peruca loira de mulher”. A imagem de moscas voando é outro aspecto a revelar distanciamento da linguagem objetiva, revelando mais uma vez a interação entre objetividade jornalística e técnicas literárias.

Na sequência, o narrador passa a registrar a inconveniência de Carlinhos para a imprensa, salientando a voracidade por furos de notícias, pouco importando a invasão de privacidade e a divulgação de falsas notícias:

Igualmente para a imprensa, que fez o nome do pai, mãe e avô pularem para as primeiras páginas, a figura do menino de dez anos, Carlinhos, passou a ser permanente inconveniência. Divulgou boatos e calúnias, deu crédito ao depoimento ridículo de um casal de surdos-mudos e, logo depois, se contradisse. Cavou em busca de sensacionalismo rápido e devassou (apenas a superfície, claro) de supostas ligações amorosas de João Melo e Maria da Conceição, pais do menino. Chegou a carregar contra ambos em momentos em que probleminhas pessoais deveriam desaparecer diante do fato de uma mãe e um pai que apenas pediam o filho desaparecido. Animou suposições absurdas, engordou hipóteses desconexas e tropeçou, repetidamente, nas próprias pernas de sua culpa. (Ibidem, p. 36-37).

Verifica-se que a imprensa é personificada por meio do uso de verbos e expressões como “pularem”, “deu crédito”, “cavou”, “devassou”, “chegou a carregar”, “animou” que mantêm clara relação com a linguagem popular. Assim, tem-se explícitos elementos do gênero literário que mobilizam ações por meio da ficcionalização de algo não humano, a imprensa. Esse tipo de

elaboração intensifica a discussão sobre o papel dos meios de comunicação em sua voracidade e falta de ética no levantamento de notícias de foro íntimo, na maioria inverdades, de uma família assolada pela dor. O último período registra o ponto de vista do narrador ao localizar nas ações dos jornalistas evidente consciência sobre os seus atos ilícitos e suas consequências, a culpa – apesar de isso não os tolher de modo algum: “Jornais, revistas e canais de televisão gritaram pelo menos três vezes estas três coisas terríveis: CARLINHOS MORTO – MATARAM OUTRO CARLINHOS – CONTRABANDO MATOU CARLINHOS”. (ANTÔNIO, 1975, p. 37, grifos do autor).

O uso de caixa alta em um texto publicado em livro para representar o teor de sensacionalismo da imprensa e, além disso, provocar pânico na sociedade, refere-se a outro tipo de recurso na elaboração dessa narrativa. Agora, evidencia-se a literatura fazendo uso do jornalismo para ressaltar a dramaticidade do tema, o que manifesta uma clara relação do fazer literário valendo-se de dados da realidade para compor um quadro de crítica social no qual se coloca em polêmica humanismo, opressão, exploração e meios nada confiáveis de se divulgar acontecimentos para a sociedade. A tanto chega o papel desvirtuado da imprensa para, no fim, em nada contribuir efetivamente com a elucidação dos fatos. Muito pelo contrário, demonstra-se o desserviço desse tipo de sensacionalismo:

Os alegres e atentos rapazes com suas máquinas e acuidades alimentaram-se durante meses do caso Carlinhos. E conseguiram contribuir com nada. Ninguém sequer escreveu uma palavra sobre as mães apavoradas acompanhando seus filhos às escolas, depois do sumiço de Carlinhos. (Idem, p. 37).

Aqui o narrador esclarece o que seria uma verdadeira pauta naquele momento – e não o sensacionalismo mercadológico e gerador de pânico – observar e denunciar as consequências do crime para a sociedade, o medo das mães pela segurança de seus filhos. Tratar-se-ia de atentar para os outros lados da notícia, o que bem faz João Antônio ao elaborar seu texto denunciando e criticando a inconsciência que permeia os responsáveis pelo mau andamento das investigações, seja a polícia ou os meios de comunicação. Aliás, semelhante perspectiva, de ater-se também ao entorno dos acontecimentos, sempre foi pressuposto na visão de mundo do escritor paulistano e se faz presente em seus textos literários e jornalísticos. Não por acaso uma de suas frases mais conhecidas pela sua crítica relaciona-se à necessidade de um olhar mais profundo e inquiridor sobre os fatos e as pessoas para os quais direcionou seu olhar: “Meu único medo é passar pelas coisas e não vê-las”. (QUINTELLA, 12 jan. 1976).

O último segmento do texto, intitulado “O que ficou de tantas palavras”, igualmente inicia com o resgate de outra máxima popular: “O povo do Rio também diz, que ninguém enrola uma criança e que é mais fácil ela dar um nó nos mais velhos”. Semelhante colocação diz respeito a já

mencionada esperteza de um menino de dez anos que tem condições de observar e contar sobre fatos ocorridos com ele.

Em suma, já prestes a encerrar suas considerações sobre as inconveniências de Carlinhos ou, melhor dizendo, do despreparo, falta de ética e habilidade da polícia e da imprensa no encaminhamento do caso, o narrador sintetiza: “Se Carlinhos incomoda a quase todos, também serve como elemento de brilho para outros e até de produto de consumo para terceiros”. (ANTÔNIO, 1975, p. 37). Essa observação demonstra que não apenas a polícia e a imprensa são as responsáveis pelos desencontros sobre o caso, mas que também há parcela de culpa da sociedade que se alimenta avidamente desse tipo de exploração perversa da vida dos outros. Logo, há mais culpados do que é possível imaginar: “Há uma verdade acima de tudo isso. Carlinhos, sequestrado sem solução há tanto tempo, está flagrando a precariedade de todos nós – incompetentes, levianos, despreparados, maledicentes, preguiçosos, presunçosos e até relapsos”. (Idem, p. 37-38).

A exposição e exploração de casos como esse demonstraria a avidez de diversos segmentos da sociedade por esse tipo de manipulação em benefício próprio ou simplesmente para causar pânico para além da realidade, conforme afirma o narrador na sequência do texto: “Todos falaram e sempre houve alguém aproveitando para tripudiar sobre alguém ou alguma coisa”. (Ibidem, p. 38). Idênticas situações são vistas atualmente, mais de 40 anos após o texto de João Antônio, em que a exploração e o sensacionalismo de notícias tornaram-se uma espécie de modelo de conduta em tempos de mundo virtual, do qual as *fake news* são exemplos declarados desse tipo de desvirtuamento desumano.

Ao finalizar o texto, o narrador sinaliza ter conversado com amigos de pelada de Carlinhos, num claro movimento a reiterar o seu interesse em refletir e contribuir com informações paralelas a complementar o fundo das notícias costumeiramente ignorado pela grande imprensa – e tão característico do conto-reportagem:

Os garotos Zé Miguel e Dino, dezesseis e doze anos, os únicos que tiveram um recado de amor para o amigo sequestrado. E que não precisaram brilhar a custa disso. Dino, o amigo de doze anos, falou pouco no campinho de futebol de peladas numa elevação da Rua Alice, naquela clareira onde Carlinhos costumava bater bola:

– Puxa, logo com o Carlinhos, que era legal às pampas! (ANTÔNIO, 1975, p. 38).

A referência ao recado do amigo de Carlinhos demonstra como o narrador procura elementos sobre a notícia em locais não em evidência pela grande imprensa. Buscar os amigos do menino no campo de futebol revela seu olhar dirigido para o entorno da notícia e contribui com outros aspectos para se pensar sobre os diversos ângulos do caso. Enquanto a grande imprensa centrava-se na porta da casa do garoto ou na rua do Leblon onde morava o tio do garoto, o narrador

segue no sentido contrário, priorizando levantar informações que destoam da ótica em destaque nos meios de comunicação. E somente lá, no campinho de futebol de peladas, ele encontra um registro de ternura por Carlinhos.

INFORMAÇÃO MULTIFACETADA

O breve percurso em aspectos da narrativa “Carlinhos, o inconveniente”, de João Antônio, permitiu verificar como o autor se vale de recursos da literatura para compor seu texto sobre o sequestro do menino no início dos anos de 1970. Por ser jornalista, por tanto entender profundamente dos meios sobre os quais trata nesse texto, observa-se que o escritor realiza metajornalismo ao colocar em destaque a fábrica de notícias a se alimentar dos infortúnios alheios, bem como o desejo inerente ao delegado Peçanha de alcançar fama por meio de declarações não fundamentadas. Semelhante aspecto demonstra inter-relação entre polícia e imprensa na construção do imaginário social, muitas vezes tendo por base informações infundadas para alimentar, por um lado, o desejo do público por detalhes perversos de um fato e, por outro, incutir medo além do necessário. Disto adviria uma necessidade pungente da sociedade em confiar à imprensa e a polícia como instâncias viáveis, confiáveis e éticas para lhe informar e/ou proteger.

O escritor demonstra que, prevalecendo-se da confiança a elas destinada, muitas vezes a imprensa e a polícia manipulam de maneira nada ortodoxa a sociedade a ponto de tornar espetáculo o que deveria ser tratado com extremo cuidado. Salienta-se o movimento da polícia em buscar resolver o caso de maneira apressada e tendo como interlocutores jornalistas interessados em explorar e esgotar a notícia de todas as formas; e ambos aproveitam-se da ingenuidade da família da vítima para traçar um sem limite de perspectivas que não contribuem efetivamente para esclarecer crimes. Entretanto, ainda assim a imprensa conquista alguns de seus objetivos ao garantir audiência a tudo que é divulgado sobre um crime.

Hoje a mesma situação ainda persiste – talvez mais alarmante em se tratando dos meios tecnológicos modernos que permitem acesso em tempo real às informações. A esse respeito, basta lembrar-se de ocorrências como o caso Richthofen (2002) e o assassinato da menina Isabella Nardoni (2008) que foram explorados à exaustão pelos meios de comunicação. Portanto, pode-se constatar que a sociedade continua interessada e fomentando a indústria da notícia especulativa e perversa.

Em relação à utilização de recursos literários, verifica-se que eles cedem ao texto jornalístico compreensão do lado humano dos fatos, fornecendo um painel multifacetado de sentidos e de envolvimento entre tema e personagens. É interessante notar a referência do narrador aos “alegres rapazes [da imprensa] com suas máquinas” configurando-os como personagens e demonstrando a

despreocupação presente no levantamento e divulgação das notícias. Por outro lado, o constante uso de enumeração concede sentido de movimento às cenas descritas no texto, conferindo aspectos de representação, cenário e atores em ação.

Outro recurso de viés literário pode ser observado no resgate de máximas populares, bem como no emprego de expressões populares na própria fala do narrador, que traz para o contexto jornalístico aspectos do imaginário coletivo carioca. E, mais do que isso, demonstra a sabedoria do povo em relação a comportamento, ética e pensamento, elementos que, conforme revela o texto, muitas vezes deixam a desejar em relação às ações de instâncias socialmente estabelecidas, como a imprensa e a polícia. Cabe aqui lembrar que esse tipo de registro que valoriza a cultura popular é um dos elementos de reconhecida importância no universo da produção de João Antônio. A esse respeito é importante observar uma de suas falas ao tratar sobre o conto-reportagem:

No começo tive medo, pensando que fosse comprometer a linguagem objetiva, quase impessoal, deixando resíduos na forma literária. Até perceber, com Lima – e com Graciliano, com Manuel Antônio de Almeida – que jornalismo é inquieto, bonito, tem finalidade, pode ser um documento social, sem falar em funções mais altas, políticas. (QUINTELLA, 12 jan. 1976).

Percebe-se que essa preocupação em não comprometer a forma literária com técnicas jornalísticas perfaz o pensamento do autor a respeito das contribuições que a interação entre esses tipos de escrita pode gerar para uma produção depurada esteticamente e, ao mesmo tempo, relevante socialmente. Tal aspecto pôde ser verificado no percurso aqui realizado no qual se dimensiona a imbricação de diferentes técnicas em prol de uma denúncia de âmbito social e humano.

Por último, torna-se necessário salientar um aspecto relacionado ao título do texto. Trata-se do emprego do artigo “o” em “Carlinhos, o inconveniente”. João Antônio em entrevista afirmou não gostar de usar artigo em títulos: “[...] eu detesto títulos com artigo. Detesto artigos, até mesmo os indefinidos. [...]”. (Idem.). Diante desta afirmação questionar-se-ia o porquê de ele empregar artigo na narrativa em questão.

Uma das possibilidades de interpretação imediata foi vista nos diferentes ângulos do caso Carlinhos, posto que a indefinição sobre o crime e o sensacionalismo a respeito do fato gerou incômodo principalmente para a imprensa e a polícia. Porém, tal perspectiva não necessariamente precisaria do emprego do artigo no título do texto. Dessa maneira, infere-se que o artigo masculino intensifica a abrangência do ponto de vista do autor concedendo uma plurissignificação que além de abranger as duas principais instâncias focalizadas, polícia e imprensa, reflete sentidos outros relacionados tanto à sociedade – que acompanhou as notícias sobre o caso, mas não o viu concluído – quanto à própria materialidade do texto de João Antônio. Afinal, a sua abordagem não é nada

conveniente para imprensa, polícia e para a sociedade em geral, esta que se vê refletida num espelhamento incômodo expondo uma imagem destorcida (ou inconveniente) de si mesma – mas que é a sua realidade.

Referências

ANTÔNIO, João. Carlinhos, o inconveniente. In: ANTÔNIO, João. *Malhação do judas carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MORAES, Renata. *João Antônio de pés vermelhos: a atuação do escritor jornalista João Antônio em Panorama*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Londrina, 2005.

QUINTELLA, Ary. Uma super-entrevista com João Antônio. *A Tribuna*, Vitória, 20 mar 1978.

ROY, Joaquín. *Ala: periodismo y literatura*. Madrid: Hijos de E. Minuesa, 1986.

VERMIGLIO, Vinícius. *João Antônio e a forma do conto-reportagem: um estudo das fronteiras entre literatura e jornalismo em “Malhação do judas carioca” (1975)*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP – Bauru, 2017.